

## RESENHA

**CURY, C.R.J.. Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo.** 7ª edição. 136 páginas. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 2000.

Este livro foi elaborado com o objetivo de sintetizar a tese de doutorado de Carlos Roberto Jamil Cury junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em outubro de 1979. Nesta obra, o autor procura desenvolver o conceito de contradição na educação e defende uma ação transformadora neste campo. Jamil Cury é professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e tem direcionado suas pesquisas no campo das políticas educacionais.

Antes de propor seu método de análise, o autor apresenta basicamente três perspectivas teóricas que também procuram analisar a educação. A primeira delas é a *teoria determinista* que, segundo ele, propõe a educação como sendo mera adaptação do indivíduo às exigências e objetivos de uma situação dada, contra qual ele não pode se opor. A segunda trata-se da *teoria individualista* que concebe o papel da educação como sendo o de se ocupar do desenvolvimento e aperfeiçoamento das forças individuais. Estas ajudariam o homem a se realizar em si mesmo.

A problemática, segundo o autor destas duas teorias é o fato de que enquanto a teoria determinista afirma o status quo, a individualista afirma o individual. A primeira centra a educação em torno de um mundo estaticamente considerado. Neste caso, a realidade social ou é um obstáculo para o seu desenvolvimento ou é uma fonte de benefícios através da qual o indivíduo luta por uma existência vitoriosa. A segunda vê apenas a contradição entre indivíduo e sociedade, que se resolve tanto pela adequação do indivíduo à ordem, quanto pela correção da ordem através do aperfeiçoamento continuado dos indivíduos.

Segundo o autor, em ambas, há uma falta de compreensão dialética do processo mediador da educação. Transformam aspectos do real em categorias independentes e estas, por sua vez transformam aspectos do real em força independentes que regulam a atividade humana.

A terceira tendência é a chamada *teoria da violência simbólica* de Bourdieu e Passeron e da teoria marxista dos aparelhos ideológicos do estado de Althusser. Segundo Cury, esta teoria se ancora em demasia na ideia de reprodução das relações sociais e no reforço que a educação lhe dá, esta tendência esqueceu-se de enfatizar a categoria da

contradição, pois considera o papel mediador da educação em apenas uma direção: de cima para baixo.

Enfatizando agora a sua perspectiva – o materialismo histórico dialético - o autor entende a realidade como um espaço de lutas e vê a educação também dessa maneira. A educação não é homogênea e não reproduz simplesmente as relações de classe, mas articula-as à realidade. Assim, enfatizando a contradição, o autor apresenta, de forma bastante didática, cinco categorias que o auxiliarão na análise do fenômeno educativo: *contradição, totalidade, reprodução, mediação e hegemonia*.

O trabalho é composto de três capítulos, além da conclusão. O capítulo I apresenta as categorias propriamente dita. O capítulo II estabelece relações entre essas categorias e a educação. O capítulo III procura especificar a complexidade dos elementos do fenômeno educativo a partir de seus componentes básicos. Por fim, a conclusão, como o próprio autor a apresenta, é a busca de evidenciar o significado do trabalho como um todo, apresentando os limites e possibilidades desse quadro teórico como guia de estudos específicos sobre educação.

No capítulo I “As Categorias”, o autor inicia definindo categoria como sendo conceitos básicos que refletem aspectos gerais e essenciais do real, suas conexões e relações. Surgem da análise da multiplicidade dos fenômenos e têm a função de intérpretes da realidade e das estratégias políticas.

Considerando que a essência não se apresenta imediatamente ao sujeito que a analisa, as categorias são instrumentos que possibilitam ao pesquisador a apropriação do determinante estrutural, daí, uma compreensão mais significativa do real.

A categoria *contradição* é a base da metodologia dialética, como se fosse um motor da realidade. Revela a tensão entre o que *já foi* e o *ainda-não*. O autor afirma que todo real é um processo que contém uma unidade de contrários, ou seja, como determinação e negação do outro. A contradição é ao mesmo tempo destruidora, pois evidencia o seu contrário, mas também criadora, já que exige a superação, pois a contradição é intolerável. Ignorar a contradição seria considerar a realidade como algo estático, seria retirar do real o movimento.

A categoria *totalidade* é a que permite conectar, articular, o real a outros processos. Permite observar a tensão das contradições na relação todo-parte e perceber o real como histórico, ou seja, cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação a si e em relação aos outros fenômenos. A totalidade só é apreensível através das partes e das relações entre elas. Ignorá-la seria considerar a realidade como uma sequência de níveis autônomos, em universos separados.

Considerando que as relações de classe no modo de produção capitalista são contraditórias, pois evidenciam a acumulação e dominação de uma classe em relação a outra, a categoria *reprodução* implica mais que a (re)produção de coisas. Mas a tentativa de reproduzir o movimento do capital social como um todo. Assim, essas relações não se produzem e se reproduzem apenas na empresa, mas também no mercado, no dia-a-dia, na família, na arte, na ciência, na igreja, no exército e na educação. A dialética reprodução-contradição-totalidade permite perceber como as instituições não só refletem as estruturas mais amplas, mas também cooperam para produzir e reproduzir as relações sociais.

A categoria *mediação* expressa as relações concretas e relaciona dialeticamente os momentos distintos de um todo. Segundo o autor a mediação indica que nada é isolado. Implica, então, o afastamento de oposições irreduzíveis e sem síntese superadora. Implica uma conexão dialética de tudo o que existe, uma busca de aspectos afins, manifestos no processo em curso.

O autor traz a categoria *hegemonia* numa perspectiva gramsciana, onde considera que o Estado é todo o complexo de atividades práticas e teóricas com as quais a classe dirigente não só justifica e mantém não só seu domínio, mas consegue obter o consentimento ativo dos governados, ou seja, a dominação política não é vista apenas como coerção verticalizada por parte dos aparelhos de poder, numa via de mão única, mas como uma relação difundida pelo conjunto da sociedade civil, pela qual os dominados não aparecem como meros agentes passivos, pois, em diversos momentos, assumem como sua a ideologia dominante ou, pelo contrário, organizam resistência e oposição a ela. Sendo assim, a luta pelo poder exige um árduo trabalho de convencimento e persuasão de amplas camadas populares por parte do grupo social que almeja conquistá-lo.

No capítulo II “Educação e Categorias” o autor busca relacionar a educação com as categorias apresentadas. Propositadamente ele caminha no sentido inverso, para que a categoria *contradição* apareça por último, e assim evidenciá-la, pois entende que esta é a mais explicitadora.

Em *educação e hegemonia*, Cury destaca o papel do Estado na educação não apenas como uma organização burocrática, mas como uma estrutura reguladora e legitimadora do sistema capitalista com o apoio da sociedade civil. Se esse processo se dá, como ele próprio destacou com o consentimento da classe dominada, a educação, então, escolar ou não, pode também ser o espaço de desocultação das desigualdades.

Em *educação e reprodução*, o autor destaca a condição que possui a educação de reproduzir as relações de produção, reafirmando os lugares sociais ocupados na sociedade.

Porém, ao invés de apenas formar o cidadão dócil e o operário competente, a educação pode levar à problematização das ideias dominantes, a partir da conscientização dos indivíduos.

Em *educação e mediação*, Cury relembra o movimento duplo da educação. O de preparar os agentes da reprodução ampliada do capital -a formação de mão-de-obra e especialistas, por exemplo - e o de filtrar a maneira como podem ser vistas as relações sociais. Todavia, a escola funciona também para a desarticulação desses processos, quando desvenda as relações de poder e pode socializar um saber que instrumentaliza para novas possibilidades de vida em sociedade.

*Educação e totalidade* são trazidas pelo autor como a dinâmica que a educação possui de representar como universal aquilo que é contraditório, ou seja, procura eliminar as contradições na falsa compreensão de que o todo é hegemônico e universal. No entanto, a luta existente entre as distintas e possíveis concepções de mundo está presente na escola e pode revelar-se no processo do aprender.

O autor trabalha as categorias inversamente para reafirmar que a contradição é uma marca presente na educação. O saber disseminado torna-se um possível veículo de oposição à própria sociedade capitalista e pode contribuir para sua modificação. Jamil Cury defende que a escola deve promover a fermentação da contradição na educação, através da superação do senso comum e da rejeição de um modo determinado de vida. O autor afirma também que cabe ao intelectual orgânico (neste caso, o educador) um papel importante na direção, organização e difusão de uma nova consciência.

Ainda na sua busca por evidenciar a *contradição* na educação, no capítulo III “Componentes básicos do fenômeno educativo” o autor busca trazer elementos do processo educativo para analisa-los à luz das categorias abordadas por ele. São eles: ideias pedagógicas, instituições pedagógicas, material pedagógico, agentes pedagógicos e ritual pedagógico.

Seguindo Cury, é possível afirmar que se as ideias pedagógicas reafirmam a concepção de mundo da classe dominante, a mesma escola que reproduz essa ideologia também avança e civiliza, à medida que permite a sua reelaboração, pois socializa um saber que permite a possibilidade de surgirem intelectuais de fora do sistema, que orientem esse saber em função de outros interesses, antagônicos daqueles da classe hegemônica.

O material didático é aquele que concretiza as ideias pedagógicas em livros, revistas, enfim, em toda uma produção de recursos utilizados na educação. O papel do educador necessariamente deve ser o de alertar para as mistificações e reducionismos do material com que trabalha. Questionar o currículo e os métodos utilizados para o processo de ensino-

aprendizagem, e levar em conta os interesses dos grupos dominados, com finalidades sociais diferentes daquelas impostas pelo sistema capitalista.

O agente pedagógico (intelectual orgânico que pode ser o educador) pode transmitir os dados culturais que interessam ao projeto dominante e excluir os que não interessam. Mas pode fazer o contrário, se num ritual pedagógico se propor a evitar os caminhos da domesticação, da invasão cultural e da burocracia, no seu trabalho com os alunos.

Nas suas considerações, o autor reafirma que o fenômeno educativo é contraditório, pois carrega consigo elementos de transformação e de reprodução. Na conclusão, a obra aponta os limites e possibilidades de sua análise. As categorias trazidas pelo autor lhe permitem considerar que a educação, ao mesmo tempo em que pode favorecer o projeto de dominação da nossa sociedade, revela seu potencial de resistência. Assim é possível compreender que quando a educação revela as contradições da sociedade em que se insere, ela é fundamental na busca de gerar pressões que podem levar a mudanças.

Este texto figura como uma alternativa para desenvolver pesquisa qualitativa, não somente porque subsidia uma compreensão de algumas categorias do materialismo histórico dialético, mas também porque oferece referencial teórico metodológico para a compreensão do papel da educação na sociedade.

**Resenhado por Amanda Carolina das Neves Miranda, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso e Jairo Pereira de Souza, graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso, mestrando em Educação pela UFMT.**